

VENTOS DE 30 KM/H SOPRAM NA DIREÇÃO DO PARQUE DO XINGU. GOVERNO ANTECIPA US\$ 15 MILHÕES

# FOGO AMEAÇA TERRA INDÍGENA

Lauro Rutkowski  
Da equipe do Correio

O vento pode virar a qualquer momento e transformar o Parque Nacional do Xingu em um inferno. Motivo número um: não há previsão de grandes chuvas nos próximos quatro dias na área do Mato Grosso atingida pelos incêndios. Motivo número dois: o vento desta época do ano no estado sopra no sentido leste-oeste — ou seja, tende a levar o fogo para dentro do parque, onde vivem cinco mil índios de 17 nações indígenas.

O meteorologista Francisco Alves do Nascimento, do Instituto Nacional de Meteorologia, explica que os ventos do mês de setembro podem atingir até 30km por hora. Ou seja, em menos de 20 minutos fagulhas poderão incendiar a vegetação seca nos pontos do parque mais próximos das queimadas, perto do município de São José do Xingu (a 830km de Cuiabá).

Segundo dados do governo federal coletados ontem, o fogo está a 8km da região habitada pelos índios. No dia anterior, as chamas já estavam a 4km do parque, mas fo-

ram desviadas por uma repentina inversão do vento. "Isso não é comum. O normal é que o vento sopra no sentido leste-oeste até outubro", prevê o meteorologista.

O ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, e o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Eduardo Martins, fizeram questão de dizer que o fogo ainda está distante do Parque Nacional do Xingu. Ambos afirmaram, durante reunião com o presidente Fernando Henrique Cardoso no Palácio do Planalto, que os índios estão a

salvo por enquanto, embora outra área indígena a oeste de São José do Xingu, chamada de Boto Velho, já tenha sido atingida. Nesta reserva vivem 1,8 mil índios de várias etnias, como carajás, javaés e tapirapés.

Temendo o pior, o presidente Fernando Henrique deu duas ordens. Mandou a Força Aérea Brasileira, o Ibama e a Fundação Nacional do Índio (Funai) oferecerem todas as condições para que bombeiros de outros estados sejam deslocados para o Mato Grosso. Do Distrito Federal saíram ontem 40 homens. Mais 40 deverão embarcar

Wanderlei Pozzobom



Solidariedade: bombeiros do DF embarcam para o Xingu; outros 40 vão hoje

hoje para a região dos incêndios, com o objetivo de auxiliar os 30 bombeiros do Mato Grosso baseados em São José do Xingu.

O Ibama decretou alerta vermelho em São José do Xingu — o que só acontece quando uma queimada persiste por mais de 100 horas. Técnicos do Programa de Prevenção e Controle às Queimadas e Incêndios Florestais no Arco do Desflorestamento (Proarco) do Ibama estão monitorando a situação no Mato Grosso diariamente, por imagens de satélites que passam sobre o estado.

O presidente também anunciou

a liberação de um crédito extra de US\$ 15 milhões para o programa de prevenção e combate de incêndios florestais. Esta verba é uma adiantamento de um empréstimo que provavelmente será concedido pelo Banco Mundial no próximo dia 10, em Washington, para utilização no Proarco. O governo brasileiro entraria com uma contrapartida de US\$ 5 milhões, e outra fonte seriam responsáveis por US\$ 5,9 milhões. A verba total seria de US\$ 25,9 milhões. Segundo o Ibama, foram gastos esse ano quase R\$ 7 milhões no Proarco.

## Parque escapa por pouco

Palmas — Depois de queimar cerca de 890 mil hectares (65%) do Parque Indígena do Araguaia, em Tocantins, em pouco mais de 15 dias, o incêndio foi detido a poucos quilômetros de Boto Velho, onde vivem cerca de 1,7 mil índios das aldeias javaés e carajás. A informação é do delegado da Funai no estado, Edson Beiriz, que protocolou ontem na Procuradoria Geral da República, em Palmas, pedido de providências para que seja cumprida a decisão judicial que determinou a saída dos fazendeiros da Ilha do Bananal.

Os proprietários rurais são acusados de serem responsáveis pelo incêndio. Pelo menos 173 latifundiários criam gado no parque e põem fogo no cerrado para limpar o terreno. Ontem o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, e o presidente do

Mas ontem o prefeito de São José do Xingu, Hélio do Carmo, decretou estado de calamidade pública no município, um dos mais atingidos pelo fogo no Mato Grosso. O governador Dante de Oliveira (PSDB) sugeriu ao governo federal que estude a possibilidade de modificar os critérios atuais na concessão de licenças para queimadas, com o objetivo de torná-la mais restritiva.

No Acre, caso as queimadas se intensifiquem nas próximas semanas, os focos de incêndio podem isolar o estado do restante do país por via aérea. Uma intensa camada de fumaça está impedindo o pouso e decolagens de aviões em Rio Branco. "A situação vai complicar-se nos primeiros quinze dias de setembro", avalia Valmir Nonato Machado, chefe de operações da Empresa Brasileira de Infra-

Estrutura Aeroportuária (Infraero) no Acre.

Por causa da fumaça — uma camada estimada em 3km de espessura — o tráfego aéreo na capital só é liberado, e com o uso de instrumento, a partir das 10h da manhã. "Antes é impossível o pouso ou decola-

gem de aviões", informa Machado. Segundo o operador da Infraero, a situação se agrava no dia 7 de setembro, dia em que ocorrem as maiores queimadas na região. "Se continuar no ritmo em que está, vai fechar tudo."

A fumaça das queimadas aumentou o número de casos de doenças respiratórias em crianças e adultos. Em Rio Branco, o hospital infantil atende uma média de 300 crianças por dia; destas, mais de 70% estão com problemas respiratórios. Nas ruas, o acreano sente os reflexos das queimadas com maior intensidade. O calor é tão intenso que a impressão que se tem ao caminhar nas ruas é de se estar numa estufa. No horizonte, o sol aparece como uma tocha.

"A SITUAÇÃO NA REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO XINGU É MUITO MAIS TRANQUILA. É MENOS DRAMÁTICA DO QUE VEM SENDO ANUNCIADA"

Gustavo Krause, ministro do Meio Ambiente

Paulo de Araújo



Ameaça também na Chapada dos Veadeiros, região norte de Goiás: seca e ventos fortes atrapalham combate ao fogo

### ANÁLISE DA NOTÍCIA

#### POUCO CASO DOS PRODUTORES

Pequenos e grandes produtores rurais são, geralmente, os culpados pelos piores incêndios que devastam as florestas brasileiras. Foi assim em Roraima, que ardeu durante dois meses (de março a abril deste ano) até que o governo federal se desse conta da gravidade da situação. Os responsáveis pela destruição de pelo menos três mil quilômetros quadrados de florestas eram fazendeiros — que perderam o controle do fogo iniciado em suas propriedades.

Os pequenos usam o fogo porque não têm acesso a assistência técnica, créditos, máquinas e implementos. Ou seja, são marginalizados pelas iniciativas governamentais e consideram as queimadas uma tradição — um recurso de limpeza de terreno utilizado pelo pai, avô, bisavô.

Já os grandes produtores fazem queimadas porque é a forma mais barata de preparar o terreno para o gado ou para a agricultura, eliminando a vegetação indesejável. Sai muito mais em conta do que contratar dezenas de homens para capinar grandes áreas ou comprar máquinas. É uma prática dificilmente punida. As brechas na legislação são tantas que somente 6% das multas são efetivamente cobradas.

O uso do fogo é assumido pelo governo como uma ferramenta da agricultura. O Ibama é o órgão encarregado de autorizar este tipo de limpeza, embora todas as pesquisas mostrem que o solo queimado tende a ficar mais improdutivo com o fogo. (LR)